
JACÓ ARMÍNIO: UMA BREVE DESCRIÇÃO DE SUA VIDA E OBRA

JACOBUS ARMINIUS: A BRIEF DESCRIPTION OF ITS LIFE AND WORK

José Paulo Augusto Rodrigues*
Thiago Tinoco Albuquerque**
Gladson Pereira da Cunha***

RESUMO

Embora a imensa maioria do protestantismo brasileiro afirme uma soteriologia arminiana, é fato que pouco espaço tem sido dado à reflexão da obra de Jacó Armínio. Este breve artigo pretende ser uma introdução a sua vida e obra numa perspectiva mais acadêmica, além de fazer alguns apontamentos acerca da soteriologia proposta por Armínio. Este é um trecho da monografia de conclusão da graduação em teologia.

PALAVRAS-CHAVE: Armínio, Teologia, História

INTRODUÇÃO

Nascido em 10 de outubro do ano 1560, na cidade de Oudewete no sul da Holanda, Jakob Hermanszoon ou, numa forma aportuguesada, Jacó Armínio,¹ foi um teólogo cuja voz tem ecoado pela história, sobre tudo, por seu posicionamento soteriológico. Ainda muito pequeno Armínio foi deixado juntamente com mais dois irmãos aos cuidados de sua mãe Angélica, pois seu pai, um excelente profissional da cutelaria havia falecido.

Diante das difíceis circunstâncias da família, um piedoso clérigo por nome Theodore Aemilius resolveu cuidar de Armínio, proporcionando-lhe uma distinta educação. Por volta dos 15 anos, exibindo conhecimento nos elementos das ciências e também um notável conhecimento nas línguas latina e grega, Armínio enfrentou a perda de seu gracioso patrono. Após isso, Armínio conheceu um conterrâneo, o

* Graduado em teologia pela Centro de Ensino Superior Fabra (FABRA).

E-mail: josepaulo-22@outlook.com

** Graduado em teologia pela Centro de Ensino Superior Fabra (FABRA).

E-mail: tinocoalbuquerque@gmail.com

*** Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Licenciando em Filosofia pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Professor da graduação em Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA, em Serra, Espírito Santo.

E-mail: gladsoncunha@gmail.com

¹ Também é possível encontrar textos em português que se refira a Armínio como *Tiago Armínio* ao invés de Jacó.

matemático Rudolph Snellius, que, por motivos políticos,² estava residindo em Marburg. Numa visita a sua cidade natal, Snellius ficou interessado no potencial do jovem Armínio, a ponto de convidá-lo, sob seu próprio patronato, mudar-se para Marburg, onde até então exercia seu professorado. Tendo aceitado o convite do matemático, Armínio passou a residir em Hesse, sul da Alemanha.

Tempos depois, com muita alegria Armínio retomou os seus estudos teológicos, porém, sua alegria durou pouco, pois mal tinha iniciado seus estudos, chocou-se com a notícia de que sua cidade havia sido invadida pelas tropas espanholas. Pesaroso com o que poderia saber sobre a invasão, retornou para Oudewete, descobrindo que sua viúva mãe e seus irmãos estavam entre os mortos daquele massacre. Totalmente arrasado, Armínio fez a viagem de volta para Marburg a pé.

Em 1575, no mesmo ano que ocorreu o massacre que vitimara sua mãe e irmãos, Armínio se interessou pela mais nova universidade inaugurada em Leiden, uma cidade da Holanda, que contava com um quadro de distintos docentes. Imediatamente decidiu voltar para Holanda e estudar nessa universidade, onde mais tarde, seu amigo Snellius, passou a exercer a docência.

Na Universidade de Leiden, Armínio estudou teologia, filosofia, hebraico, literatura, dentre outras disciplinas, tendo percorrido um trajeto de seis anos nessa Universidade. Tendo se dedicado profundamente aos estudos, Armínio, com 21 anos, foi muito estimado por vários ministros do Evangelho e autoridades municipais, de maneira que viram em Armínio um futuro promissor e utilitário para cidade, digno de seus cuidados. Em carta, Armínio disse que aprovado às Ordens Sacras, se dedicaria exclusivamente aos serviços da igreja daquela cidade (SALVADOR, 2011, p 14)

Custeado pelas autoridades de Amsterdã, Armínio foi enviado para estudar em Genebra, sob as preleções do reputado Teodoro Beza, sucessor de João Calvino, contudo, não permaneceu ali por muito tempo. Armínio preferiu a dialética de Ramus³ do que a ênfase dada ao sistema aristotélico. Por conta desta preferência, Armínio recebeu ofensas de alguns dos seus professores em Genebra, o motivando ir para a Universidade de Basileia onde permaneceu por aproximadamente um ano.

Em Basileia, Armínio foi atenciosamente recebido e cotado entre os melhores alunos da graduação, tendo ministrado algumas aulas expositivas de teologia. Por toda sua erudição, alcançou importante prestígio por parte da Universidade, vindo

² Nessa época Holanda lutava pela independência. A Espanha predominantemente católica subjugava os países Baixos progressivamente protestante. A igreja católica dava todo apoio ao combate de qualquer espécie à influência protestante, instigando à Espanha agir com pesado jugo contra os neerlandeses. A tropas espanholas massacravam sem piedade, foi numa dessas que a mãe e os irmãos de Jacó Armínio foram assassinados. Os que se mudavam para outros lugares, como Rudolph Snellius, assim faziam para escaparem da tirania espanhola.

³ Educador e filósofo francês reputado como aquele que fez “a ponte do conhecimento para o ensino”. Criticou o viciado método escolástico no ensino das faculdades, que praticamente limitava o conhecimento em torno de Aristóteles. Foi adepto do conhecimento que estimulasse e tivesse alguma aplicabilidade. Foi um dos influenciadores da moderna estrutura educacional. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/AS%20CONTRIBUICOES%20DE%20PETER%20RAMUS%20A%20ESCOLA%20MODERNA.pdf>. Acesso em 21 de mai. 2017.

a receber o título de *doutor* às vésperas de sua saída de Basileia, porém, recusou o título sob desculpas de sua pouca idade.

Tendo amenizado as críticas na Universidade de Genebra, Armínio regressou para lá, onde se dedicou por três anos ao estudo da divindade. Após uma excursão realizada pelos alunos da Universidade de Genebra à Itália, Armínio recebeu algumas acusações por parte dos seus patronos, isto é, do Senado de Amsterdã, de ter recebido ordens para ser uma espécie de agente secreto por ordens diretas do papa. Falácias desmentidas em 1587, ano do seu retorno a Holanda.

1. ASCENSÃO AO PASTORADO E O EMBATE QUE MUDOU SUA VIDA

Em fevereiro do ano 1588, Armínio prestou exame à ordem eclesiástica em Amsterdã a pedido das autoridades da igreja para o exercício da pregação. Aprovado no exame, Armínio foi licenciado podendo exercer seu ministério publicamente naquela cidade. Seu profundo conhecimento e sua notória piedade fizeram com que as expectativas do rebanho fossem superadas. Sua dedicação no púlpito foi sobre modo percebido que, por unanimidade, foi chamado para o pastorado da Igreja da Holanda, em Amsterdã, no dia 11 de agosto de 1588, contando com apenas 28 anos de idade. Casou-se com a filha de Laurence Jacobson Real, que foi um dos influentes homens de Amsterdã. Armínio esteve entre os homens de poder, sem, contudo, corromper seu caráter cristão.

Durante o seu pastorado, Armínio recebeu a notícia que muito incomodou a liderança da Igreja como as lideranças da cidade. A discursão foi provocada por Coornhert, um rico comerciante e profundamente religioso, que atacou, diante dos ministros calvinistas de Delft, os pontos de vista da soteriologia calvinista⁴. Diante desses ataques, que posteriormente geraram panfletos publicados e do insucesso dos ministros de Delft em responder a Coornhert, Armínio foi convocado a defender os pontos de vista atacados. A obediência em atender tal convocação, sem dúvidas trouxeram radicais mudanças no posicionamento doutrinário de Armínio. Como afirmou José Gonçalves Salvador (2011, p. 14). “querendo apagar uma brasa, [Armínio] ateou uma fogueira, nela crestando as próprias mãos”

Na empreitada de defender as perspectivas calvinistas pelo bom calvinista que era, Armínio investiu forças nesse embate. O que ninguém esperava, era que no esforço do combate, Armínio, depois de uma acurada pesquisa nos escritos dos antigos teólogos quanto dos teólogos mais recente a ele, acabasse por aderir a perspectivas que atacava o calvinismo, sendo posteriormente o mais capaz defensor da perspectiva, que também, em homenagem a ele, recebeu o nome de Arminianismo.

2. O INÍCIO DAS CONTRADIÇÕES

Depois de seus estudos terem resultado em mudanças de ideias, sobretudo nos assuntos da predestinação, livre-arbítrio e a graça, Armínio achou conveniente não as divulgar de imediato. Após algum tempo, Armínio compreendeu que não estava

⁴ Neste trabalho não utilizaremos o termo “reformado” para retratar os calvinistas nem o calvinismo, já que a maior parte dos arminianos também reivindicam serem reformados. Sendo assim, para um melhor entendimento sobre como a visão arminiana enxergou a visão calvinista, usaremos o próprio termo calvinista, como também calvinistas estremados quando forem retratadas as oposições ao pensamento arminiano do século XVII.

correto ocultar suas distintas convicções em detrimento dos elogios dos ministros, passando divulgá-las de maneira constante a partir do ano 1590. Mesmo assim, continuou exercendo seu ministério durante os posteriores treze anos na Igreja de Amsterdã.

Durante suas ministrações em diversos livros da Bíblia, e na companhia de ministros calvinistas, foi quando precisamente nos anos 1591, com a exposição Romanos 7 e, no ano 1593, na exposição de Romanos 9, que surgiram fortes conflitos e os ministros da Igreja Holandesa passaram a tratá-lo com grande aspereza e indiferença. Cerca de oito anos após os primeiros incidentes com o pensamento de Armínio, a Universidade de Leiden enfrentou de Francis Junius, um renomado professor de teologia, deixando vaga a sua catedral, ao que convidaram Armínio para assumi-la.

A mudança para Leiden não foi fácil, por ao menos por dois motivos: primeiro, os professores simpatizantes do calvinismo estremado, isto é, radicais, entres eles Francis Gomarus, que estenderia os conflitos até o final da vida de Armínio, que não concordavam que a vaga fosse ocupada por alguém, cujas perspectivas teológicas fossem discrepantes com as do professor falecido. Em segundo lugar, os próprios ministros da Igreja de Amsterdã faziam questão de lembrar Armínio de sua carta, onde prometeu está integralmente disponível aos serviços daquela Igreja. O ingresso de Armínio como professor em Leiden só foi possível por intervenção política, na qual o próprio chefe de estado, Maurício D'Orange, esteve envolvido.

Finalmente, tendo conseguido assumir a vaga na Universidade de Leiden, em 1603, Armínio recebeu o título de Doutor em Divindade, passando a desempenhar funções na área da teologia. Não demorou muito tempo para que as implicações com a teologia de Armínio surgissem. Gomarus, desconfortável com a dita teologia, pôs à prova as crenças do recém-chegado teólogo.

Durante as ministrações das suas aulas, Armínio percebeu que os alunos se encontravam enrolados nas intrigantes questões escolásticas aristotélicas de maneira que investiu esforço para catalisar a atenção dos alunos para as escrituras, onde se deleitariam na fonte da verdade, sempre mesclando aulas expositivas do Antigo Testamento com o Novo Testamento. Por seu desempenho diferenciado que para alguns comprometeria os futuros ministros:

[...] Gomaro iniciou um a campanha de acusações contra Armínio. Algumas delas eram verídicas. Por exemplo, Armínio não escondia a rejeição não somente do supralapsarismo, mas também da doutrina clássica calvinista da predestinação com o um todo. Gomaro distorceu esse fato e, publicamente por trás das costas de Armínio, insinuou que ele era um simpatizante secreto dos jesuítas — um a ordem de sacerdotes católicos romanos especialmente temida que era chamada “tropa de choque da Contra-Reforma”. Essa alegação de Gomaro, assim como outras, era claramente falsa. (OLSON, 2013, p. 473)

O embate entre Armínio e Gomarus estava tomando proporções cada vez maiores, aponto de ter dividido o pensamento acadêmico da época e ter ameaçado a paz civil. Por conta de todo esse alvoroço, os contendores foram chamados para depor em Haia diante de quatro ministros da região sul e quatro da região norte da Província Unida. Na oportunidade, Gomarus logo atacou afirmando que Armínio ensinava uma justificativa estranha diante de Deus (SALVADOR, 2011, p.17).

Roger Olson (2013, p. 455) afirma que os embates entre Armínio e Gomarus eclodiram no ano 1604, “quando Gomaro, pela primeira vez, acusou Armínio

abertamente de heresia”. Contra todos esses ataques, Armínio não se pronunciou publicamente até 1608, relevando serenamente a situação. Durante esse mesmo ano, Armínio (2015, p.20) se justificou do ataque em três obras:

Em uma carta para Hipólito, um Collibus, embaixador das Províncias Unidas do Eleitor Palatino; em segundo lugar, em uma “apologia contar trinta e um artigos”, que, embora escrita em 1608, só foi publicada no ano seguinte; e, por último, em sua nobre “Declaração de Sentimentos”, emitida em trinta de outubro de 1608, perante os Estados, em uma assembleia repleta de ouvintes em Haia.

Tais obras são tidas como verdadeiras relíquias, e foi onde Armínio expressou seus pensamentos sobre diversas questões de maneira não sistemática da religião cristã. Olson (2013, p. 28-9) destaca que “quase todos esses escritos foram concebidos no calor da controvérsia; ele frequentemente estava sob ataque dos críticos e líderes do estado e igreja da Holanda, que exigiam que ele se explicasse”. Mas naquela altura, Armínio já estava completamente envolvido em questões concernentes a salvação do homem, que trouxeram polêmicas aos Países Baixos que favoreciam de certo modo a posição calvinista pelo vínculo que o Estado possuía com a Igreja Reformada.

Em linhas gerais, Armínio há muito tinha deixado de ser simpatizante de uma hermenêutica rígida da salvação muito bem abraçada pelos extremado como já mencionado Teodoro Beza e Francis Gomarus. Demonstrou-se desfavorável ao calvinismo extremado passando a rejeitar explicitamente a doutrina da predestinação à moda dos ministros calvinistas. Armínio compreendia que essa doutrina não embarcava Evangelho, nem sequer parte dele, porquanto, de acordo com os ensinamentos dos apóstolos e o ensino do próprio Jesus, o Evangelho seria a junção de arrependimento e fé, mais a promessa de perdão dos pecados por parte de Deus. Armínio pontuava a ausência da admissão da doutrina predestinação nos primeiros 600 anos depois de Cristo. Também apurou que do Concílio de Niceia até ao de Constantinopla não seria possível encontrar afirmações sobre essa doutrina. (ARMÍNIO, 2015a, 201) Continuou afirmando que a doutrina da Predestinação, como encarada por Calvino e pelos defensores da sua época, conflitava com alguns artigos de confissões da Igreja da Holanda (ARMÍNIO, 2015a, 203).

Armínio destacou também a incompatibilidade da doutrina da Predestinação dos ultracalvinistas com o livre-arbítrio. Em sua visão, se tudo foi anteriormente decretado, o homem nunca teve verdadeiramente livre-arbítrio, conseqüentemente Deus foi responsável pelo pecado humano, já que este não pecou voluntariamente. (ARMÍNIO 2015a p. 206). Em síntese, Armínio (2015, p. 201) afirmou com todas as palavras "esta doutrina da Predestinação não é necessariamente para salvação”.

Armínio manifestou um pensamento universal sobre a Providência Divina, dizendo que essa foi estendida a todas as criaturas, sobretudo, as dotadas de intelecto, sem nenhuma exceção. Sobre a Graça de Deus, Armínio respondeu ser a iniciadora, continuadora e consumadora de todo bem que um homem, mesmo já regenerado possa fazer. Aderiu a compreensão da relação do homem no processo salvífico, conhecido como sinergismo evangélico, e da livre ação humana, destacando ele, por graça divina. Olson (2013, 29), destaca que Armínio não criou uma nova soteriologia, antes recorreu a soteriologia sinérgica existente antes dele, evidenciando-a sistematicamente:

Ele explicitamente apelou para os primeiros pais da igreja, fez uso de métodos e conclusões teológicas medievais e apontou para sinergistas protestantes que lhe antecederam. Seus seguidores deixaram claro que Melancton, um líder luterano conservador, e outros luteranos mantinham visões similares, se não idênticos. Embora ele não tenha mencionado nominalmente o reformador católico Erasmo, fica claro que a teologia de Armínio era semelhante a dele. Balthasar Hubmaier e Menno Simons, líderes anabatistas do século XVI, também apresentaram teologias sinergísticas que renunciaram a de Armínio.

3. O FIM DE UM HOMEM E A CONTINUAÇÃO DE SEU LEGADO

Com a saúde debilitada, Armínio foi acometido por uma tuberculose, que bem no ápice de suas defesas, arrebatou-lhe a vida no mês de outubro do ano de 1609, com apenas 49 anos, deixando para muitos dos calvinistas extremados de sua época, um teor de punição divina pelo seu trajeto de divergência. Sobre a morte de Armínio, Olson (2001, p, 455) nos lembra que:

Em seu enterro, um de seus amigos mais íntimos fez o discurso fúnebre diante do corpo de Armínio: “Viveu na Holanda um homem que só não era conhecido por quem não o estimava suficientemente e só não o estimava quem não o conhecia suficientemente”

A morte de Armínio não significou o término das controvérsias, mas transformou-se no marco de um pensamento que se estenderia por séculos arrastando consigo uma quantidade significativa de seguidores e opositores. Logo após da morte de Armínio, seus amigos e discípulos não quiseram deixar com o que a luta e, de certo modo, as reivindicações do amigo e mestre caíssem no esquecimento. Os seguidores de Armínio ficaram muito desconfortáveis com as afirmações feitas contra ele, uma vez que, se em vida Armínio tinha sido taxado de herege, tanto mais em morte, foi difundido que todas as posições doutrinárias concernentes à salvação advindas dele eram heréticas.

Vale lembrar que a Holanda, do século XVI, lutava pela independência da dominação espanhola predominantemente católica. Nesse contexto, cada vez mais o protestantismo ia se estabelecendo. E foi graças principalmente a Guido de Brés juntamente com mais três ministros reformados, que por volta do ano 1561, redigiram a Confissão de Fé Belga, que o calvinismo ascendeu sobre modo nos Países Baixos. Também foi nesse contexto de guerra por independência que se desenvolveu entre os neerlandeses o espírito de liberdade civil e religiosa. Nesse fulguroso espírito de liberdades que pessoas com o porte do estadista e cientista político Hugo Grócio se manifestaram a favor do livre exercício da absoluta consciência para todos. Um dos professores de Leiden que se tornou simpatizante da liberdade de consciência chegou a dizer que, em matéria de religião, não deveria haver constrangimento. Eis aqui a síntese do espírito dos Países Baixos do dito século.

Em meio a este clima de aspirações por liberdades, ainda permanecia a insuportabilidade do pensamento Arminiano. Foi onde, então, que o ministro de Haia, João Oldenbornveldt, um importante simpatizante do arminianismo solicitou aos seguidores de Armínio que confeccionassem artigos de fé que bem representassem a proposta arminiana, para apresentar ao Governo, na expectativa de que pelo menos fossem tolerados pelos demais.

Diante dos ataques mais frequentes estavam as equiparações do pensamento arminiano com o semipelagianismo e até mesmo com o pelagianismo. Veemente

os seguidores de Armínio negavam toda e qualquer associação com essas duas perspectivas, isto porque, o pelagianismo, oriundo do monge da Bretanha, Pelágio, tinha uma visão completamente moralista da queda e respectivamente do pecado. Para ele era possível atingir a salvação por esforço próprio. Era completamente absurdo o entendimento de que os outros tivessem alguma coisa a ver com a queda de Adão. Não só Armínio, mas também João Calvino não concordavam com Pelágio. Contraindo este pensamento rebate João Calvino (*IRC*, II.1.6):

[...] a depravação dos pais de tal modo se transmite aos filhos, que todos, sem qualquer exceção, se fazem poluídos em sua concepção. Não se achará, porém, o ponto de partida desta poluição, se, como à fonte, não remontarmos ao primeiro genitor de todos. Desse modo deve-se, por certo, sustentar que Adão não foi apenas o progenitor, mas ainda como que a raiz da natureza humana, e daí, na corrupção daquele, foi com razão corrompido todo o gênero humano.

Pelágio não aceitava o pecado hereditário e, ao mesmo tempo, afirmava que Deus seria ambíguo por ter deixado mandamentos que fossem impossíveis de serem cumpridos com o próprio esforço. Pelágio enxergava como blasfêmia suprema, a concepção de uma punição, em vez da salvação da parte de Deus para humanidade. Frisava freneticamente o livre-arbítrio humano dignificando-o demasiadamente. Isto claramente não foi defendido por Armínio (2015a, 231) pois em sua Declaração dos Sentimentos publicado no ano 1608, afirmou:

[...] em seu estado de descuido e pecado, o homem não é capaz de pensar, nem querer, ou fazer, por si mesmo, o que é realmente bom; pois é necessário que ele seja regenerado e renovado em seu intelecto, afeições e desejos, e em todos os seus poderes, por Deus, em Cristo, por intermédio do Santo Espírito, para que possa ser corretamente qualificado para entender, estimar, considerar, desejar e fazer aquilo que realmente seja bom.

O próprio Armínio, era volta e meia comprado com Pelágio, manifestou sua indignação nas proposições de Pelágio dizendo ser grandemente falso. Decididamente os seguidores queriam que Armínio fosse mais justamente lembrado.

Já o semipelagianismo oriundo de João Cassiano, trilhou pelo meio termo. Seu entendimento tentou estar entre o confronto de Agostinho e Pelágio, afirmando que verdadeiramente o pecado de Adão se transferiu aos outros, mas não interferiu no primeiro passo humano em direção à salvação. Cassiano dizia sim, a humanidade dependia da ação de Deus, mas como uma reação a escolha humana. Sobre o semipelagianismo salienta Ivan de Oliveira (2016, p.20-21):

Cassiano sustentou que, embora o pecado original seja transmitido a todo indivíduo, representado no Éden por Adão, não há de se falar em corrupção total do livre-arbítrio de modo que ele não possa exercer a opção de alcançar a salvação. Esse movimento do livre-arbítrio em direção a Deus é denominado *initium fidei*, que depende da graça divina. Os semipelagianos concordam com Agostinho (rejeitando Pelágio) no sentido de que o pecado original foi transmitido à raça humana, sendo um evento crítico que alcança toda a criatura. No entanto, sustenta a doutrina de Cassiano que o livre-arbítrio não está totalmente aniquilado, de modo que ele pode provocar o primeiro passo em direção a Deus, a *initium fidei*. Ainda, em proximidade a Agostinho, afirma Cassiano a importância da graça divina na economia da redenção, mas a atuação divina não precede a escolha livre da pessoa humana. Em consequência, a graça divina vem em auxílio da vontade livre somente após a decisão humana, independente e suficiente, de aproximar-se de Deus e da prática da caridade.

Por essas e outras comparações, os seguidores de Armínio sob ordem do já mencionado João Oldenbornveldt, escreveram os artigos de Fé, para demonstrarem a plena incompatibilidade com as acusações feitas. Formaram uma frente com cerca de 45 ministros e teólogos que por redigirem os artigos que claramente os defendiam, pois mostrava verdadeiramente a posição de Armínio e as suas próprias, ficaram conhecidos como Remonstrantes, por protestarem por meio dos artigos a liberdade de se expressarem.

Ao confeccionarem os artigos, os *Remonstrantes* tinham em mente não apenas a tolerância, mesmo sendo um grande avanço, mas também o apoio especial das autoridades civis⁵ as suas proposições. O documento foi elaborado e apresentado no ano de 1610 na cidade de Gouda, Holanda. Em geral, os artigos giraram em torno da providência e da predestinação, os dois pontos onde os arminianos se diferiam dos calvinistas.

Os artigos da *Remonstrância* foi um resumo bem modesto de um todo do pensamento de Armínio, e teve como seu principal redator Simão Scopiou, um fiel discípulo, que posteriormente foi o primeiro professor de teologia arminiana de uma escola em Leiden. O acrônimo desses artigos é do inglês FACTS, mas segue a ordem como nos é apresentado⁶:

1. Que Deus, por um decreto eterno e imutável em Cristo antes que o mundo existisse, determinou eleger dentre a raça caída e pecadora, para a vida eterna aqueles que, através de sua graça, creem em Jesus Cristo e perseveram na fé e obediência, e que, opostamente, resolveu rejeitar os inconversos e os descrentes para a condenação eterna (Jo 3.36).
2. Que, em decorrência disto, Cristo, o salvador do mundo, morreu por todos e por cada um dos homens, de modo que Ele obteve, pela morte na cruz, reconciliação e perdão pelo pecado para todos os homens; de tal maneira, porém, que ninguém senão os fiéis, de fato, desfrutam destas bênçãos (Jo 3.16; Jo 2.2).
3. Que o homem não podia obter a fé salvífica de si mesmo ou pela força de seu próprio livre-arbítrio, mas se encontrava destituído da graça de Deus, através de Cristo, para ser renovado no pensamento e na vontade (Jo 15.5).
4. Que essa graça foi a causa do início, desenvolvimento e conclusão da salvação do homem; de forma que ninguém poria crer nem perseverar na fé sem esta graça cooperante, e conseqüentemente todas as boas obras devem ser atribuídas à graça de Deus em Cristo. Todavia, quanto ao *modus operandi* desta graça, não é irresistível (At 7.51).
5. Que os verdadeiros cristãos tinham força suficiente, através da graça divina, para enfrentar Satanás, o pecado, o mundo, sua própria carne, e a todos vencê-los; mas que se por negligência eles pudessem se apostatar da verdadeira fé, perder a fidelidade de uma boa consciência e deixar de

⁵ SÍNODO DE DORT. Disponível em: <http://deusamouomundo.com/remonstrantes/sinodo-de-dort/> acesso em 07/5/2017

⁶ Os artigos utilizados aqui seguem a mesma estrutura utilizada por Roger Olson em seu livro *Mitos e Realidades*. In: OLSON, Roger. *Teologia Arminiana: Mitos e Realidades*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013, p. 41.

ter essa graça, tal assunto deveria ser mais profundamente investigado de acordo com as Sagradas Escrituras.

A tabela abaixo bem resume os Cinco Pontos Arminianos, conforme apresentado abaixo:

FACTS	TRADUÇÃO
Freed by grace (to believe)	Feitos livres pela graça (para crer)
Atonement for all	A todos a expiação
Conditional election	Condicional eleição
Total Depravity	Total depravação
Securyty in Christ	Segurança em Cristo

O manifesto dos arminianos não surtiu o efeito esperado. Ao contrário, provocou um movimento por muitos chamados contra-remonstrância. Os opositores acusaram os *Remonstrantes* de serem simpatizantes da teologia católica, que era semipelagiana, um dos pontos que motivaram a Reforma Protestante do século XVI. A partir de então, segundo Vinícius Couto, (2014, p. 23):

[...] houve muita confusão em várias cidades holandesas: sermões eram pregados contra os Remonstrante, panfletos eram espalhados a fim de difamá-los como hereges e traidores, pessoas foram presas por pensarem contra o alto calvinismo e um sínodo nacional de teólogos e pregadores foi realizado para regular tais controvérsias entre as ideias paradoxais calvinismo x arminianismo.

Os *Remonstrantes* queriam que seus artigos fossem julgados devidamente diante de um Sínodo. O Sínodo foi convocado no ano 1618, com sua primeira reunião no dia 13 de novembro e a última no dia 9 de março do ano 1619, na cidade Dort. Este Sínodo contava com a presença de vários teólogos nativos e estrangeiros como também autoridades civis escolhidas entre as províncias pelos Estados.

Os Remonstrantes foram como réus para Sínodo, e estavam em plena desvantagem, pois, dos quatorze representantes dos arminianos, nem todos tiveram direito a votos. O principal porta voz do partido arminiano neste Sínodo foi o Simão Episcópio. Mesmo com a boa apresentação doutrinária de Episcópio, o Sínodo rejeitou as proposições arminianas e os condenou por heresias. O Sínodo produziu um documento denominado Cânones de Dort, que formam com a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg, a chamada Três Formas de Unidade da Igreja Reformada Holandesa (cf. SIMÕES, 2002, p.). Esse texto serve de base para o que é popularmente conhecido como os “Cinco Pontos da Calvinismo”.

Diante do resultado, os arminianos receberam duas propostas, silenciar-se quanto a posição doutrinária ou exílio. Muitos arminianos foram depostos de seus cargos na Igreja, uns oitenta foram presos e vários outros foram executados. Os

arminianos que foram exilados só puderam retornar à pátria após a morte de Maurício D'Orange, ocorrida no ano 1625.

Embora a influência arminiana fosse relativamente fraca nos Países Baixos, isto porque o calvinismo se encontrava extremamente consolidado, sobretudo nas províncias do norte, e ainda contava com o apoio do Estado, foi evidente uma significativa influência em outras regiões como Inglaterra, França e Alemanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMINIO, Jacó. *As Obras de Armínio, vol.1*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015a.

_____. *As Obras de Armínio, vol.2*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015b.

_____. *As Obras de Armínio, vol.3*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015c.

COUTO, Vinicius. *Introdução à Teologia Armínio-Wesleyana*. São Paulo: Editora Reflexão, 2014.

MARIANO, Wellington Carvalho. *Arminianismo no Brasil: Uma Introdução Histórica*. Disponível em: <http://arminianismo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=988:3-de-abril-de-1737&catid=138&Itemid=42>. Acesso em 15/10/2015.

_____. *O que é teologia arminiana*. São Paulo: Reflexão, 2015.

OLIVEIRA, Ivan de. *Pelagianismo e Semi-pelagianismo*. São Paulo: Editora Reflexão, 2016.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo, Editora Vida, 2001.

_____. *Teologia arminiana: mitos e realidades*. São Paulo: Reflexão, 2013.

_____. *The Story of Christian Theology*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1999.

SALVADOR, José Gonçalves. *Arminianismo e metodismo*. São Paulo: [s.n], 2011.